

Reflexões sobre o acesso empírico da teoria de identidade de Erik Erikson

Juliane Noack

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

RESUMO

O texto apresenta uma tentativa de apropriação da teoria de Erikson para as pesquisas sobre identidade, caras no campo educacional e na psicologia. Para tornar a teoria de desenvolvimento psicossocial de Erikson acessível empiricamente, James E. Marcia desenvolveu a “*Identity Status Interview*” (ISI), que procura nos campos “profissão”, “relacionamento/família” e “valores/ideologia” indicadores para as variáveis “compromisso” e “exploração/crise”. O resultado é “o estado da identidade” da pessoa. O tema deste texto é a própria reflexão e continuação do desenvolvimento da ISI. Teoricamente, pergunta-se como a concepção dos “estados da identidade” deixa-se deduzir da teoria de Erikson. Em relação ao método questiona-se se a concepção do estado de identidade é apropriada para a investigação da identidade e se a ISI é um instrumento adequado para investigar o estado de identidade. As construções do pesquisador serão baseadas nas construções dos entrevistados? Como a perspectiva do entrevistado deixa-se integrar no processo de pesquisa? A preocupação com essas questões nos direciona para uma inovação do método de ISI, agora denominado “*Identity Status Interview “Modificado”*” (MISI), e para o desenvolvimento de um modelo de processo da crise de identidade.

Palavras-chave: identidade; Erik H. Erikson; modelo de processo da crise de identidade; *Identity Status Interview Modificado* (MISI).

ABSTRACT

Reflections about the empirical access of Erik Erikson’s theory of identity

The text presents an attempt towards the appropriation of Erikson’s theory for identity development, important in the fields of education and psychology. In order to make Erikson’s theory of psychosocial development empirically accessible, James E. Marcia developed the “*Identity Interview Status*” (ISI), that searches within the topics of “profession”, “relationship/family” and “values/ideology” for the variable “commitment” and “exploration” crises with the final output being the “identity status” of the individual. This paper presents a reflection and further development of the ISI. How is the concept of “identity status” theoretically deduced based on Erikson’s theory in the ISI? Regarding methodology, it is questioned if “identity status” is appropriate for the inquiry of identity and if the ISI is an adequate instrument to investigate this. Are the constructions of the researcher based on the constructions of the person interviewed? How is the perspective of the individual interviewed integrated in the research process? The concerns raised by these questions directed us to find an improvement to the ISI, called the “*Modified Identity Status Interview*” (MISI) and for the development of a process model of the identity crisis.

Keywords: identity; Erik H. Erikson; process model of identity crisis; *Identity Status Interview Modified* (MISI).

Ponto de partida teórico: a teoria de Erik H. Erikson

Em uma perspectiva psicossocial, identidade significa o processo de ajuste de um interior subjetivo com um externo social, ou seja, a forma individual de localização em um espaço social e, assim, uma missão básica antropológica do homem. Dentro desta perspectiva, três variáveis constituem o conceito de identidade: um “eu” ativo, um meio ou um meio ambiente externo e o mecanismo que possibilita este ajuste. São

essas três variáveis que também determinam o conceito de identidade em Erik H. Erikson (Noack, 2005). Assim, Erikson (1966) defende o ponto de vista de que identidade não significa um sistema interno encerrado, que seria inacessível para alterações, mas muito mais um processo psicossocial que sustenta e mantém no indivíduo, como na sociedade, certos traços fundamentais. Dessa forma, a pesquisa de identidade sempre é uma pesquisa social ou cultural englobando ciências da história, da filosofia, da psicologia. Em suma, é a pesquisa do homem como inteiro, e para

captar sua inteireza, necessita de uma teoria e um método que atendam a essa exigência.

De acordo com Erikson (1973; 1974; 1988a; 1988b), a identidade e sua crise teriam uma dimensão psíquica e social e, além disso, teriam um lado psico-histórico. A identidade é psíquica, o que em parte é consciente e em parte inconsciente. Ela está sujeita à dinâmica de conflitos, o que nos picos da crise poderia levar a estados mentais contraditórios, como a uma alta vulnerabilidade ou a propensão para grandes perspectivas imagináveis de futuro. Assim, a crise de identidade faria parte natural do próprio desenvolvimento da pessoa, antes do qual não poderia surgir uma crise verdadeira, por questões de condições prévias físicas, intelectuais e sociais. Se a crise se prolongar para além desse período, as fases seguintes seriam comprometidas. Finalmente a identidade remete ao passado, pois fundamenta em fases da infância, como também ao futuro, onde terá que se manter e renovar-se em cada fase de vida seguinte.

A crise de identidade é social, porque essa identidade deve ser encontrada dentro da comunidade à qual o indivíduo pertence e depende durante toda vida do suporte de modelos sociais. Aqui, revela-se o lado psico-histórico da crise de identidade, pois os modelos sociais correspondem a uma respectiva época histórica. Segundo Erikson (1973; 1974; 1988a; 1988b), o modo inconsciente é quando a crise nem sempre é percebida como tal, pois, em determinados grupos sociais ou em determinados momentos históricos, as manifestações de crise podem ter outros sentidos, ou podem, simplesmente não serem perceptíveis. Em algumas culturas podem ser vividas como situação

passageira, ou um renascimento. Ele aponta que a formação de identidade pelo aspecto normativo também tem seu lado negativo, que pode permanecer como uma parte rebelde revolucionária de toda a identidade pela vida inteira. Outra complicação inconsciente da crise de identidade refere-se à sua profundidade, que frequentemente está relacionada com condições latentes em determinados períodos históricos como, por exemplo, relacionado a um período pós-guerra ou pós-catástrofes (Erikson, 1973).

Os dois aspectos da identidade, o psíquico e o social, revelam porque o problema de identidade é tão difícil de determinar, “pois estamos tratando de um processo que está ‘localizado’ no âmbito do indivíduo e também no âmbito de sua cultura social, um processo que fundamenta de fato a identidade dessas duas identidades, a pessoal e a cultural/social” (Erikson, 1988a, p. 18)¹. Assim, o conceito de identidade expressa uma relação ambígua, “que engloba tanto um estar idêntico de Mim-Mesmo [*Sich-selbst-Gleichsein*], isso é um interior duradouro, como uma participação, também duradoura, em determinados traços de caráter específicos do grupo” (Erikson, 1974, p. 124). Partindo de nosso trabalho anterior (Noack, 2000; Noack, 2004; Noack, 2005)², concebemos, agora, um modelo provisório de processo da crise de identidade ou da formação da identidade (ver Figura 1). Ele integra os diversos conceitos de Erikson e os esquematiza como ponto de partida para acessar o empirismo dessa teoria e para conceber um modelo, que representa uma ligação da teoria de Erikson e sua realização empírica.

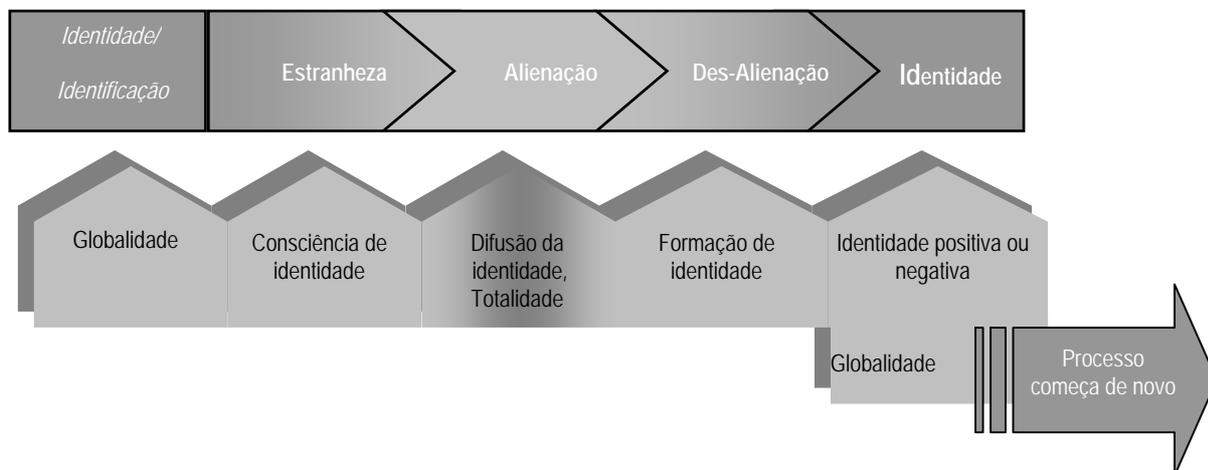


Figura 1. Processo da crise de identidade ou da formação de identidade³.

Processo da crise de identidade ou da formação de identidade

A partir daqui apresentamos o modelo de crise de identidade, desenvolvido a partir do modelo acima, amparado na teoria de Erikson e na aplicação do método MISI, ou seja, do *Identity Status Interview Modificado* (Noack, 2004; Noack, 2005). Partimos então de um processo baseado na interpretação de Erikson, “que identidade não significa um sistema interno encerrado, que seria inacessível para alterações, porém muito mais um processo psicossocial que sustenta e mantém no indivíduo como na sociedade certos traços fundamentais” (Erikson, 1966, p. 87). O processo se inicia em forma de modelo de um estado de globalidade ou identidade, um conceito com o qual Erikson identifica a relação ambígua, “que ele engloba tanto um interior duradouro [*Sich-selbst-Gleichsein*] como uma participação duradoura em determinados traços de caráter específicos do grupo” (Erikson, 1974, p. 124). Quando condições internas e situações externas entram em dissonância, ocorre uma estranheza pelo lado do indivíduo, o que Erikson denomina de consciência de identidade. Nestas situações o “eu” ou o eu subjetivo tomaria consciência de si mesmo (Eu-Mesmo) e do seu sentimento de identidade. Isso poderia surgir pela primeira vez por questões da constituição biológica do ser humano na adolescência.

A alienação, no nosso modelo do processo de crise de identidade corresponde ao conceito de difusão/confusão de identidade formulado por Erikson e ao estado de totalidade ligado a ele. Erikson distingue “globalidade” e “totalidade” e explica:

Ambos significam “inteireza”, mas pretendi sublinhar as suas diferenças. Globalidade parece implicar uma reunião ou montagem de partes, mesmo que sejam muito diversificadas, que entram em proveitosa associação e organização. Como uma *Gestalt*, portanto, globalidade realça um sólido, orgânico e progressivo mutualismo entre funções e partes diversificadas, dentro de uma inteireza, cujas fronteiras são abertas e fluidas. Totalidade, pelo contrário, sugere uma *Gestalt* em que são enfatizados os limites absolutos: dado certo delineamento arbitrário, nada do que pertence ao lado de dentro deve ficar de fora, nada do que deve estar fora pode ser tolerado dentro. Uma totalidade é tão absolutamente inclusiva quanto exclusiva – quer a categoria do que é para ser absoluto seja uma categoria lógica ou não e quer as partes constituintes tenham realmente uma afinidade mútua ou não. (Erikson, 1976b, p. 80)

A fase em que as correspondentes condições, da totalidade novamente se sintetizam a globalidade, como foi possível antes da crise, no modelo proposto para descrever o processo de crise de identidade, é denominado “desalienação”. Esse mecanismo que foi concebido por Erikson como conceito da formação de identidade afasta-se do estado de alienação, e aponta para o processo de “desalienar”, no sentido de estranheza, de desfazer a alienação. O resultado novamente é o estado da globalidade da identidade, em que a diferença, sujeito-objeto é minimizada a tal ponto que o sentimento de identidade torna-se isento de problemas e é vivido previa e conscientemente (*vorbewusst*) como um bem-estar psicossocial (Erikson, 1974).

Ponto de partida metodológico: *Identity Status Interview*

James E. Marcia, um psicólogo da área de desenvolvimento elaborou o *Identity Status Interview* (ISI) semi-estruturado, que compreendeu como sendo a aplicação empírica da teoria de Erikson: “Para avaliar a identidade do ego, o estudo atual usa as medidas e os critérios congruente com a formulação da crise da identidade de Erikson como uma tarefa psicossocial” (Marcia, 1966, p. 551); “A principal contribuição desse estudo encontra-se no desenvolvimento do processo de avaliação, na medida e na validação parcial do estado da identidade, como estilos individuais de lidar com a tarefa psicossocial de dar forma a uma identidade do ego” (Marcia, 1966, p. 558). No método de Marcia, a entrevista levanta indicadores para os segmentos/campos profissão, parceria/família e valores/ideologia para a determinação das variáveis “compromisso” e “exploração/crise”: “crise refere ao período de compromisso do adolescente em escolher entre alternativas significativas; o compromisso consulta ao grau de investimento pessoal as exibições do indivíduo” (Marcia, 1966, p. 551).

Através da operacionalização de ambas as variáveis do modelo, obtém-se quatro configurações de evidências (Figura 2), as quais Marcia (1980) caracteriza como estado de identidade ou estatuto identitário: “Aqueles classificados por estes modos são definidos nos termos da presença ou da ausência de um período de tomada de decisão (crise) e da extensão do investimento pessoal (compromisso)” (Marcia, 1980, p. 161).

		compromisso interno	
		não	sim
exploração/crise	não	identidade difusa	identidade anteriormente outorgada
	sim	<i>moratorium</i>	identidade conquistada/realizada

Figura 2. Modelo dos estados de identidade (Marcia, 1966).

Modelo dos estados de identidade

Tendo em vista essa diferença entre a identidade conquistada (*identity achievement*), a identidade difusa (*identity diffusion*) e o *moratorium*, de acordo com a terminologia de Erikson, Marcia completou o quarto estado da identidade, que ele definiu como “anteriormente outorgada” (*foreclosure*)⁴. A definição desses estados é baseada no fato de as pessoas terem experimentado, ou não, uma crise - terem se comprometido, ou não, com um *Gegenstand* (alguma coisa, situação ou questão). Através do conceito *Gegenstand*, Leontjew (1982) compreende fatos no *Lebenswelt* (situações da vida) de um ser humano: objetos, pessoas, seres vivos em geral, situações, transformações, acontecimentos, conexões. Na sua interpretação, o pesquisador direciona as formulações típicas ao correspondente estado e remete os pesquisados a um estado insofismável. Na identidade conquistada/realizada, o/a adolescente atravessou uma crise de identidade e definiu um compromisso em termos ideológicos, profissionais e afetivos. Um/a adolescente na *moratorium* vive uma crise de identidade, não se estabeleceu ainda nenhum compromisso, mas, procura alcançar esse objetivo; na identidade anteriormente outorgada foi estabelecido um compromisso sem passar propriamente por uma crise de identidade. Trata-se de uma identidade não construída, mas atribuída, definida por outrem (normalmente pela família). Um/a adolescente com identidade difusa não vive uma crise – não está no meio de uma crise e não realizou qualquer compromisso. Esta situação pode significar que se está no início do processo de realização da identidade pessoal (antes da crise) ou, que tendo havido uma crise, fracassou na tentativa de definir compromissos (Marcia, 1966, 1988).

Por diversos motivos, não consideramos o trabalho de Marcia como um desenvolvimento ulterior ou uma

realização empírica da teoria de Erikson. Quanto ao seu ponto de partida, em que ele se refere a Erikson, consideramos que não corresponde à interpretação deste sobre a identidade. Marcia (1966), entretanto, procura expor em seu artigo “*Development and Validation of Ego-Identity-Status*”, baseado em seu trabalho de doutorado, um aporte teórico referente a Erikson:

A identidade do Ego e a difusão da identidade (Erikson, 1956, 1963) consultam aos resultados polares da crise psicossocial suposta que ocorre na adolescência (...) “A realização da identidade” e “a difusão da identidade” são alternativas polares do estado inerentes à teoria de Erikson. (Marcia, 1966, p. 551)

Polarização significa, para Erikson (1976a), a constante tensão e o intercâmbio dinâmico, onde pólos caracterizam a crise em cada fase da vida. Uma etapa foi cumprida quando a crise foi vivida intensamente e foi encontrada uma solução viável para ela. Nesta interpretação, Erikson (1976a) se refere a um equilíbrio dos dois pólos que constituem cada crise. Dessa forma, a caracterização *identity achievement* (identidade conquistada/realizada) do conceito de identidade de Erikson, como ele demonstra em seu livro “*Infância e Sociedade*” (1976a), é uma das fontes a quais Marcia se refere:

A suposição de que em cada etapa se conquista uma bondade⁵ que é impermeável a novos conflitos internos e às condições variáveis é, segundo creio, uma projeção no desenvolvimento infantil daquela ideologia do êxito que pode impregnar tão perigosamente nossas fantasias privadas e públicas e podemos tornar ineptos na tremenda luta por uma existência significativa em uma nova era industrial da história. (Erikson, 1976a, p. 251)⁶

Outras contradições com a teoria de Erikson resultam da dicotomia de ambas as variáveis, “compromisso interno” e “exploração/crise”. Por exemplo: a situação *moratorium* e a identidade conquistada/realizada são definidas cada qual pela presença da variável crise. Quanto ao *moratorium*, quer-se dizer que a pessoa ainda encontra-se na crise, mas no estado da identidade conquistada, ela já a percorreu e a superou. Assim, não é possível determinar essa crise nominalmente e com toda a certeza. Conseqüentemente, a sua dicotomia não é bem clara. O problema no estado da identidade difusa se apresenta de forma semelhante, sendo definido pela ausência de ambas as variáveis. Um indivíduo que não está envolvido com uma relação de compromisso geral, tampouco, encontra-se em crise. Ele não precisa encontrar-se automaticamente em um estado difuso, mas pode estar relacionado com o compromisso geral de forma indiferente, quando este não possui relevância na identidade do indivíduo.

O estado da identidade conquistada/realizada oferece diferentes possibilidades de interpretação, principalmente se levarmos em consideração a teoria da identidade de Erikson. Marcia (1966) caracteriza uma pessoa neste estado, definida pela presença de ambas as variáveis, da seguinte maneira:

Considerou seriamente diversas escolhas ocupacionais e tomou-se uma decisão em seus próprios termos, mesmo que sua escolha final pudesse ser uma variação de desejos paternos. Com respeito à ideologia, parece ter avaliado após a opinião e conseguiu uma definição que o deixa livre agir. No geral, não aparece porque seria oprimido por deslocamentos repentinos em seu ambiente ou por responsabilidades inesperadas. (Marcia, 1966, p. 551f)

Essa descrição também cabe a um estado que Erikson definiu como identidade negativa, que na-dá mais é que a decisão para aqueles papéis e identificações que foram mostrados, nos diversos estados críticos de desenvolvimento, como altamente indesejáveis e perigosos. Em vez de estarem entregues a um sentimento de difusão continuado, muitos jovens preferem assumir uma aparência de “nada”, negativa e socialmente recriminada.

Seja como for, muito adolescente doente ou desesperado, ao defrontar-se com um contínuo conflito, preferirá não ser ninguém ou ser alguém totalmente mau ou, de fato, até a morte – e isso por livre esco-

lha – do que não ser “carne nem peixe”. (Erikson, 1976b, p. 176)⁷

Não é refletido, na concepção de Marcia, o fato de que um indivíduo sempre depende que a respectiva sociedade confirme sua escolha para um determinado lugar, isto é, que “o compromisso interno”, seja superado.

Finalmente, devemos observar de forma crítica, em relação à escolha de *moratorium* para um dos estados de identidade, que a *moratorium*, de acordo com Erikson, é um conceito com conotação própria, na qual isto representa uma fase e não um estado, que pode ser atribuído ou imposto a alguém.

Um compasso de espera nos compromissos adultos e, no entanto, não se trata apenas de uma espera. É um período que se caracteriza por uma tolerância seletiva por parte da sociedade e uma atividade lúdica por parte do jovem; entretanto, conduz também, freqüentemente, a um empenho profundo, ainda que amiúde transitório, do jovem – terminando com uma confirmação mais ou menos cerimonial desse compromisso pela sociedade. (Erikson, 1976b, p. 157)

Também, a realização empírica como almejada aqui por Marcia contradiz, em parte, a posição da metodologia científica de Erikson. Em geral, Erikson (1957) se volta contra os métodos positivistas e empenha-se em fazer com que o sujeito se torne o ponto central de todos os esforços clínicos, onde clínico significa tanto pesquisa quanto tratamento. A única certeza metodológica que Erikson (1957) poderia requisitar para sua especialidade, na significância psicoterapêutica, seria a “subjetividade disciplinada”. O termo “subjetividade disciplinada” remete às dimensões originais das descobertas de Freud: o compromisso com os pacientes, o comprometimento com a teoria e a auto-cura sistemática. Isso é,

que o psicanalista reconhece o contrato com o paciente como o centro de sua pesquisa clínica e sacrifica a aparente segurança de métodos mais objetivos; que ele mantém a formação conceitual sistemática e resiste à tentação da aparente profundidade filosófica, e que ele finalmente realiza uma auto-observação fria com aquele poder acrítico que em seu campo lhe é muito facilitado. (Erikson, 1957, p. 28)

Resumindo podemos registrar que o “homem, o sujeito da ciência psicossocial, não se conterà ainda o

bastante para ser dividido em categorias mensuráveis e significativas” (Erikson, 1976b, p. 42).

Conceituação de um instrumento da pesquisa de identidade a partir de Erikson

Partindo do *Identity Status Interview* (ISI) e de duas questões – se as construções do pesquisador (isto é, a categorização), nas construções daquele que ele investigou são fundamentadas e como a perspectiva do entrevistado pode ser integrada no processo de pesquisa do entrevistado, de forma que a diferença de ambas as perspectivas (metodologicamente) sejam minimizadas ao máximo – ampliamos o *Identity Status Interview* (ISI), de Marcia, para construir o *Identity Status Interview Modificado* (MISI), buscando maior coerência com a teoria de Erikson. Tentamos combinar elementos da entrevista centrada no problema e da entrevista focada. Nosso modelo pretende suprimir a contradição aparente entre condução teórica e o postulado da abertura, organizando um ganho de reconhecimento como mutualidade indutiva/dedutiva. Assim, ele se assemelha à determinação da entrevista centrada no problema (PZI) de Witzel (2000), à sua colocação de metas e de fatos e a seu tratamento subjetivo: “os princípios de construção da entrevista centrada no problema almejam uma determinação de ações individuais sem preconceitos como percepção e modos de processamento subjetivos da realidade social” (Witzel, 2000, ¶ 1). Para este fim, integramos elementos de diversas técnicas de entrevista, que, por um lado, almejam a representação da visão subjetiva do problema, e, pelo outro, as narrações estimuladas são complementadas pelos diálogos, resultantes de investigações ricas em idéias fundamentadas por roteiros (Witzel, 2000). Para um levantamento da interpretação subjetiva do problema da pessoa entrevistada, o nosso modelo remete-se, metodologicamente, a elementos da entrevista focada. O ponto de partida é a apresentação do estímulo em si, cujo efeito no entrevistado será investigado. Este estímulo é a primeira entrevista transcrita, formando a base da entrevista ulterior que deve ampliar e concretizar os dados da primeira. O método do *Identity Status Interview Modificado* (MISI) se caracteriza por um procedimento interativo que liga o levantamento, a avaliação e a verificação do processo de investigação.

O procedimento de levantamento de dados do método do *Identity Status Interview Modificado* (MISI) é composto de quatro fases complementares: um questionário resumido introdutório, um prefácio narrativo, o *Identity Status Interview* (ISI) clássico, conforme a

concepção elaborada por Marcia, e a avaliação de reação de retorno. A combinação destes instrumentos deve possibilitar investigar a visão do sujeito e, assim, possibilitar uma realização mais ampla possível do postulado da abertura e da verificação da categorização escolhida pelo pesquisador.

Questionário resumido

A primeira parte do *Identity Status Interview* (ISI) clássico é composta de perguntas básicas para o levantamento de dados pessoais (idade, sexo etc.), que aqui é concebido como um instrumento independente, ou seja, como um questionário resumido como foi desenvolvido por Witzel para uma entrevista centrada no problema. O questionário resumido serve para “tirar dados demográficos menos relevantes para os temas da entrevista principal.” (Flick, 1999, p. 107). O *Identity Status Interview Modificado* (MISI), com a entrevista centrada no problema, almeja uma negociação da visão subjetiva do entrevistado. Desta forma, também podem ser usadas as vantagens do *Identity Status Interview Modificado* (MISI) pelo questionário resumido. Por um lado, Witzel (2000) percebe tais vantagens no alívio da entrevista daquelas perguntas que são construídas com esquema pergunta-resposta. Por outro, as questões contidas nele – e principalmente em combinação com uma pergunta aberta – poderiam possibilitar o início de um diálogo (Witzel, 2000).

Prefácio narrativo

O procedimento de levantamento clássico foi ampliado por uma parte narrativa no início de cada segmento. Isso significa que a pessoa é solicitada para narrar o que lhe ocorre espontaneamente em relação a cada segmento⁸. Esta ampliação se baseia em dois pensamentos complementares, sendo o primeiro a associação e o segundo a “narrativa improvisada/espontânea” (*Stegreiferzählung*), como é usada na entrevista narrativa (Schütze, 1983).

O primeiro pensamento se baseia na suposição de que os conceitos são armazenados na memória como protótipos, que são representantes típicos de um conceito e significam a ligação de uma etiqueta verbal com um conteúdo de memória. Podemos partir da premissa de que existem mais de um protótipo por conceito. A aquisição de protótipos depende do histórico de aprendizado individual e da frequência com que um indivíduo relaciona uma parte de um conceito com o significado que ele tem, isto é, protótipos semânticos são fortemente dependentes de experiência e

da cultura (Hussy, 1994). Assim, de acordo com o que e quanto uma pessoa revela através de um estímulo narrativo, pode fornecer esclarecimento a respeito da relevância de identidade de determinados segmentos. Seu estímulo é compreendido como etiqueta verbal e a resposta representa o teor de memória respectivo. Caso essa não seja pormenorizada etc., podemos pressupor uma relativa relevância do tema para o indivíduo, porque já o levamos para a formação da associação.

Neste ponto, iniciamos o pensamento da narrativa espontânea. Este prevê que o informante potencial, antes da entrevista, não pode preparar-se sistematicamente para a temática da narrativa almejada, de forma que ele não pode calcular ou escrever suas formulações antes da entrevista, podendo, assim, treinar para a apresentação. Podemos partir da premissa de que na ligação do estímulo narrativo e do evidentemente narrado, trata-se realmente de estruturas de relevância da pessoa entrevistada em relação a este tema ou questão abordada. Aqui, utilizamos do fato de que as narrativas espontâneas, oriundas dessa situação, representam algo de novo (Glinka, 2003).

Com relação ao prefácio narrativo do *Identity Status Interview Modificado* (MISI), isso significa que podemos avaliar dados que não abriria ao entrevistador com o auxílio de suas questões. Com isso a interpretação dos dados poderia ser facilitada, porque afirmações que permitem diferentes interpretações com base no prefácio narrativo possivelmente se tornam mais claras, simplesmente eliminando determinadas interpretações. As contradições pelo lado do entrevistado poderiam ser descobertas de forma mais evidente e as interpretações das respostas para as questões fundamentais podem ser fundamentadas com auxílio da parte narrativa. O prefácio narrativo dá espaço ao indivíduo para temas próprios (possivelmente também adicionais) e para o desenvolvimento de colocações relevantes, contribuindo, assim, para a exigência específica da subjetividade possibilitada pelo *Identity Status Interview* (ISI) e para atender ao postulado da abertura (*Postulat der Offenheit*).

Roteiro

Os dados são levantados com ajuda da entrevista semi-estruturada desenvolvida por Marcia (1966; 1980). Ele entrevistou seus pesquisados sobre os temas clássicos, com respeito aos quais, jovens precisam tomar decisões, sejam essas sobre formação/profissão, religião e política ou aspectos de visão de mundo e – posteriormente incluído – o tema sexualidade. Estes segmentos variam, naturalmente, de acordo

com o interesse da pesquisa e a relevância que estes têm para as pessoas pesquisadas. Esses dados são levantados e verificados por passos operacionais mais ou menos pré-determinados.

Avaliação de reação de retorno

A quarta fase do *Identity Status Interview Modificado* (MISI) é a avaliação da reação de retorno. Esta é composta de duas etapas. A avaliação de reação de retorno é aplicada após a transcrição da primeira entrevista, é lida, tanto pelo pesquisador como pelo informante. Numa primeira etapa o entrevistado é solicitado a assinalar todos os pontos: primeiramente, os que ele acredita que o pesquisador não vai entender e, em segundo lugar, aqueles que ele gostaria de complementar. O pesquisador, por sua vez, assinala todos os pontos que ele, primeiramente, não entendeu e em segundo lugar, os que despertam o seu interesse no contexto da pesquisa, mas também que podem ampliar aspectos relacionados à investigação, mas não previstos. Numa segunda etapa, com base na entrevista, com os realces do pesquisador e pesquisado, tem lugar uma nova entrevista, onde os pontos assinalados por ambos servem de estímulo para aprofundar as informações. A avaliação de reação de retorno usa elementos, de uma perspectiva técnica, da entrevista focada como foi desenvolvido por Merton e Kendall (1946). A meta da entrevista focada é levantar as experiências subjetivas da pessoa entrevistada em situações vividas anteriormente e analisadas pelo pesquisador com base na observação da situação analisada. Nisto, partimos da estruturação de importância do entrevistado, porém, a intenção primordial não é a geração de conceitos hipotéticos e, sim, “trata-se de uma falsificação das hipóteses obtidas por dedução, que o pesquisador desenvolveu antecipadamente” (Lamnek, 1995, p. 79). Os dados assim considerados servem, principalmente, para analisar novamente as hipóteses desenvolvidas e formuladas com base na observação dos elementos aparentemente relevantes da situação sob o aspecto da validade, isto é, as hipóteses devem ser testadas em confrontação com o mundo social (Lamnek, 1995). Nisto, a pessoa entrevistada é motivada por um estímulo unificado e com base em um roteiro cujo efeito sobre o entrevistado é investigado (Flick, 1999).

A realização concreta da entrevista focada deve observar três indicações específicas: a não-influência, a especificidade e, finalmente, o critério da profundidade do quadro de relacionamento pessoal. O critério da “não-influenciabilidade” almeja que a pessoa testa-

da tenha a oportunidade de se expressar sobre assuntos que para ela são de significância central e não só sobre assuntos que são importantes para o entrevistador. Dessa forma, atendemos ao princípio metodológico, valorizando as estruturas de relevância do entrevistado e não do pesquisador (Lamnek, 1995). Esse critério realizamos com base na combinação de perguntas não-estruturadas, semi-estruturadas e estruturadas, onde inicialmente são colocadas questões não-estruturadas. Somente durante o decorrer da entrevista aumentamos o grau da estruturação, para evitar que seja imposto o quadro de referência do entrevistador frente ao modo de ver do entrevistado. No *Identity Status Interview Modificado* (MISI) esse critério é atendido, na medida em que a entrevista de avaliação de reação de retorno com as observações e os temas é aberta à pessoa entrevistada. Isso significa que a pessoa entrevistada estrutura, ela mesma, a entrevista baseada no seu escalonamento de relevância. Só mais tarde seguem as questões do pesquisador, iniciando com as mais genéricas e seguidas pelas mais específicas e estruturadas.

O critério da especificidade significa que “o entrevistador deve elaborar os componentes concretos que determinam o efeito ou o significado de um acontecimento para o sujeito entrevistado em geral, para que a entrevista não se restrinja ao nível de afirmações genéricas” (Flick, 1999, p. 95), e corresponde, de certa forma, ao princípio metodológico da explicação (Lamnek, 1995). Para isso, sugerimos tanto a aplicação de materiais (fotos, etc.) para a realização de determinadas situações e de questões de suporte correspondentes fundamentais, quanto a relação explícita de estímulo (conscientização).

O desafio para sua realização está na combinação de uma parte complementar e uma parte investigativa. Inicialmente, damos a possibilidade à pessoa entrevistada de que, o que ela disser nesta primeira entrevista, através de explicações diretas ou indiretas, ou seja, a seleção das situações a serem explicadas, seja feita por ela mesma. Assuntos que são muito genéricos para o pesquisador, principalmente com relação ao seu escopo teórico, para o qual ele necessita dos correspondentes dados, podem ser obtidos com o auxílio da investigação complementar. A combinação de ambas as partes possibilita a elaboração do significado de determinados fatos para o sujeito.

Profundidade significa que devemos tentar motivar a pessoa entrevistada a fazer afirmações de cunho afetivo, que excedam simples avaliações. Deve ser feita a tentativa de obter o máximo de comentários de

auto-revelação sobre o material estimulante (Flick, 1999). A profundidade, geralmente, pode ser realizada através da avaliação de reação de retorno, pois a pessoa entrevistada e o entrevistador já não são mais estranhos na segunda conversa, o que pode oferecer base e espaço para comentários de auto-revelação. Através da combinação da parte complementar e da parte investigativa, a avaliação de reação de retorno se desenvolve como um diálogo em que os temas são revelados com referência a sua significância emocional e de profundidade para o sujeito.

O procedimento de levantamento *Identity-Status Interview Modificado* (MISI) é composto, assim, de dois passos: da primeira entrevista composta de um questionário resumido, com prefácio narrativo, de entrevista roteirada na concepção de Marcia. A avaliação de reação de retorno constitui o segundo passo e está submetido à outra forma de abordagem investigativa e, de certa forma, realiza-se após a avaliação do primeiro passo.

No primeiro passo, avaliamos o material levantado com vistas a verificar a existência ou não existência da variável “exploração/crise” e da variável “compromisso interno”. A variável “compromisso interno” será revelada com auxílio de dez indicativos: (1) relevância do tema, (2) mostrar interesse, (3) se envolver, (4) levar a sério, (5) cooperar, (6) atitude cognitiva, (7) atitude afetiva, (8) atitude conativa, (9) estrutura, (10) dissonância⁹. “Compromisso interno designa a postura interna, entrar em um assunto, se encerrar, se comprometer, levar a sério, revelar o engajamento direcionado para fora em relação ao assunto” (Haußer, 1995, p. 23).

Essa definição de “compromisso interno” serve como base do instrumento de medição da mesma. Uma “postura interna” possui uma estrutura, como estrutura postural. Designamos o fato de que toda postura social pode ser subdividida em três componentes posturais: cognitivo, afetivo e conativo, “envolver-se com um assunto, se ligar a ele e se comprometer com ele, levar a sério como o engajamento” dirigido para fora se refletem no pensamento, no sentimento e na ação de uma pessoa. Outra característica que permite deduzirmos um compromisso interno frente a uma questão e a forma de percebe-se ao tratar as dissonâncias, ou seja, se essas são resolvidas ou não a favor da situação abordada (Noack, 2000).

Para abordar a variável “exploração/crise”, temos o apoio de treze indicativos: (1) tema é comum e natural, (2) tema não é questionado, (3) pessoas de referência social comunicam o mesmo, (4) aceita as posi-

ções estabelecidas, (5) surgem dúvidas a respeito do tema, (6) acontecimentos levam a questionar rotinas, (7) perturbação da continuidade biográfica, (8) tentativa de resolver a situação, (9) surgem diferentes alternativas, (10) essas alternativas são comparadas e avaliadas, (11) há esforço pessoal para uma posição, (12) encontra uma decisão, (13) essa assume sentido e forma nova consciência. Eles derivam da seguinte suposição¹⁰: A seqüência de experiências atuais, não problemáticas, que formulam a corrente típica de obviedades representam, de certa forma, uma continuidade biográfica que alcançamos através da ligação das diversas ocorrências entre si, ou seja, que se deixam atribuir aos esquemas de relações existentes. Essa corrente de experiência está subordinada à aquisição de rotinas diárias e do mundo do entrevistado e que podem ser interrompidas por acontecimentos eventuais, que aparecem na vivência do ser humano, como rupturas biográficas, ou seja, revelam acontecimentos críticos de vida. Falamos de uma crise de desenvolvi-

mento ou também de uma crise de desenvolvimento normativa. Tratamos de uma situação de sobrecarga com estímulos potencialmente produtores do desenvolvimento. Isso resulta do pensamento de que novos desafios exigem também novos potenciais de superação do ser humano. De acordo com esta suposição foram concebidos os indicativos dessa variável. O resultado da interpretação deste primeiro passo, isso significa das três primeiras fases do *Identity-Status Interview Modificado* (MISI), é uma configuração do sujeito conforme os estados de identidade concebidos por Marcia, mas aqui é avaliado conforme os indicadores que constituem as duas variáveis “compromisso interno” e “exploração/crise”, representados pelos correspondentes valores em um gráfico, cujos eixos são iguais (Figura 3). Conforme o valor das duas variáveis, alteram-se os quatro quadrantes, resultando em uma configuração de estados de identidade.

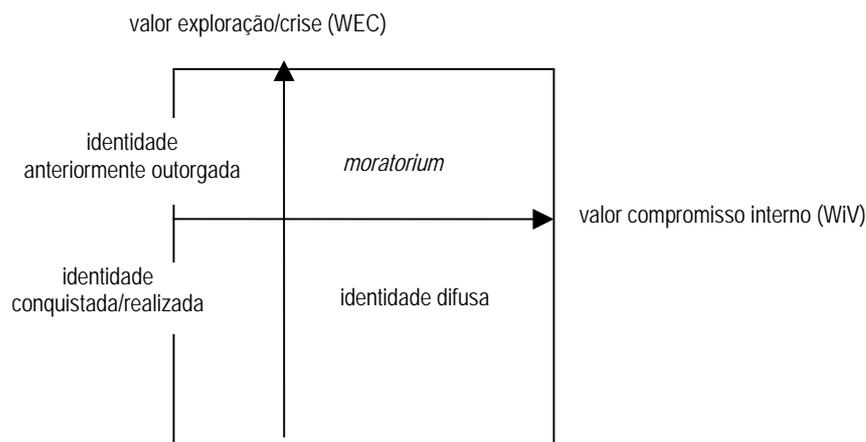


Figura 3. Configurações possíveis dos quatro estados da identidade (Noack, 2000; Noack, 2004).

Configurações possíveis dos quatro estados da identidade

Um processo de avaliação do segundo passo, isto é, da avaliação de reação de retorno do *Identity Status Interview Modificado* (MISI), ainda não existe.

Neste trabalho representamos dois pontos de vista que podem ser derivados da própria aplicação do MISI (Noack, 2004):

- 1 Com referência às marcações feitas pelo pesquisador e pelo entrevistado, essas podem ser avaliadas com referência à questão, se as mes-

mas se sobrepõem, diferenciando a seguir entre observações recíprocas e não recíprocas, e se nas segundas essas são oriundas do pesquisador ou do entrevistado. A inclusão desse tipo de questões no processo de pesquisa e de análise pode levar a conclusões sobre o “ambiente natural” (*natürlichen Lebenswelt*), ao qual ou o pesquisador ou a pessoa pesquisada pertencem. Até que ponto essas duas se encontram e onde há diferenças e, principalmente, com referência a questões de pesquisa etnográfica, pode-se dirigir o ponto de vista e o *modus operandi* para assuntos que não podem ser reconhecidos pelo pesquisador devido à sua própria base cultural.

Enquanto a pessoa entrevistada assinala pontos dos quais ela supõe que o pesquisador não irá entender, estes pontos também podem fornecer esclarecimentos sobre auto-atribuições;

- 2 A questão de como a perspectiva da pessoa entrevistada se alterou entre a entrevista 1 e a avaliação de reação de retorno continua sendo de interesse da teoria de pesquisa. Independente do tempo decorrido entre as duas entrevistas, as diferenças podem fornecer informações sobre alterações efetivas na situação de vida ou também tornar visíveis construções próprias, que, por exemplo, servem para a pessoa entrevistada reduzir a diferença sentida entre “Eu-Mesmo” (*Self*) e “Eu-Mesmo-Ideal”.

CONCLUSÃO

A reflexão sobre a pergunta se o *Identity Status Interview* (ISI) de Marcia é um instrumento adequado para determinar o estado de identidade de uma pessoa levou, no nosso trabalho, a uma ampliação do processo de levantamento de informações. Primeiro, a realização de uma entrevista, que possibilita um prefácio e depois o desenvolvimento do processo de avaliação baseado na operacionalização das variáveis “compromisso interno” e “exploração/crise”, da pessoa entrevistada, para a configuração de estados de identidade (Noack, 2000). Com este desenvolvimento, revelamos um problema metodológico, sendo que este postulado da abertura tende a ser rompido nesta forma de entrevista. Em outro trabalho, dedicamo-nos às seguintes questões: se as construções, isto é, as categorizações, do pesquisador nas construções do entrevistado são fundamentadas, e como esta perspectiva do entrevistado pode ser integrada no processo de pesquisa. O resultado é a ampliação do *Identity Status Interview* (ISI) de Marcia, pois o ISI só representa uma parte de quatro partes posteriores que designamos como *Identity Status Interview Modificado* (MISI). O instrumento desenvolvido foi emancipado tanto metodologicamente como também teoricamente de sua idéia conceitual original, de forma que pode ser considerado como um instrumento ou método independente.

Com referência à questão se os estados de identidade representam uma concepção utilizável da pesquisa da identidade, principalmente quando esta é proclamada na tradição de Erikson, diríamos que uma leitura diferente do conceito dos estados de identidade e das variáveis constituintes pode levar à pesquisa da identidade no sentido postulado por Erikson, ou seja,

como psíquico, social e psico-histórico. Assim, pretendemos usar os estados de identidade determinados em combinação com os dados da avaliação de reação de retorno como ponto de partida de uma pesquisa ulterior. A primeira parte do *Identity Status Interview Modificado* (MISI) é usada para a determinação de dados que permite a avaliação da configuração dos estados de identidade da pessoa entrevistada na forma de um procedimento dedutivo. Em um segundo passo, e aqui entra a leitura diferenciada dos estados de identidade, estes não devem mais ser reduzidos às denominações da identidade difusa e do *moratorium* elaborado e assumido com base nas quatro categorias de Marcia. Os estados de identidade deviam ser observados como aquilo que são, ou seja, a combinação de evidências de duas variáveis, onde as descrições de Marcia representam uma possível interpretação das respectivas constelações.

Com a aplicação da metodologia criada, podemos considerar que surge uma nova perspectiva ou modelo de entendimento ou explicação da crise de identidade. Analisando-se de acordo com a nova perspectiva, não poderemos mais dizer que a pessoa tem uma identidade elaborada, e sim que o estado de identidade da pessoa é caracterizado como uma determinada medida da variável do compromisso interno e, assim, ter ou ter tido uma crise. Depois, poder-se-ia questionar o que uma constelação desse tipo significa quando relacionada ao termo de identidade de Erikson, tratando-se da configuração de um ajuste entre o “interno” subjetivo e “externo” social, ou seja, de uma localização social do ser humano. Neste momento, o modelo de processo da crise de identidade ganha importância, pois os “estados” ajuste e não-ajuste podem ser lidos em uma dinâmica processual como estranheza, alienação e desalienação, na qual esse último conceito pode ser derivado da teoria de Erikson. Nessa perspectiva, as duas variáveis também recebem outro peso. Assim, o comprometimento da identidade ainda seria refletido mais intensamente no aspecto social de formação de identidade, pois não basta que um indivíduo se comprometa internamente frente a algo. A sociedade em que este “algo” é situado também deve comprometer-se frente ao indivíduo, que, de outra forma, seria excluído. Assim, realizar, em profundidade, as duas variáveis e remetê-las à teoria de Erikson e, ao mesmo tempo, deduzi-las daí, precisaria ser objetivo de uma pesquisa subsequente. Principalmente, a sua combinação e as configurações oriundas das mesmas, baseadas no modelo de processo de formação de identidade, possibilitariam a pesquisa da identidade baseada tanto

na teoria de identidade de Erikson como também na sua posição metodológica. Consideramos que a elaboração do *Identity Status Interview Modificado* (MISI), pode ser considerado como ponto de partida para se avançar nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- Aronson, E. (1994). *Sozialpsychologie: Menschliches Verhalten und gesellschaftlicher Einfluß*. Heidelberg: Spektrum; Akademischer Verlag.
- Erikson, E. (1973). Autobiographisches zur Identitätskrise. *Psyche*, 27(2), 793-831.
- Erikson, E. (1974). *Identität und Lebenszyklus: Drei Aufsätze*. (2ª ed.). Frankfurt a.M.: Suhrkamp.
- Erikson, E. (1988a). *Jugend und Krise: Die Psychodynamik im sozialen Wandel*. Stuttgart: Ernst Klett Verlag.
- Erikson, E. (1988b). *Der vollständige Lebenszyklus*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp.
- Erikson, E. (1957). Trieb und Umwelt in der Kindheit. Em Frankfurter Beiträge zur Soziologie (Org.), *Freud in der Gegenwart: Vorträge an den Universitäten Frankfurt und Heidelberg* (p. 43-64). Frankfurt a.M.: Europäische Verlagsanstalt G.M.B.H.
- Erikson, E. (1966). *Einsicht und Verantwortung: Die Rolle des Ethischen in der Psychoanalyse*. Stuttgart: Ernst Klett Verlag.
- Erikson, E. (1976a). *Infância e sociedade* (2ª ed.). (G. Amado, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Erikson, E. (1976b). *Identidade: Juventude e crise* (2ª ed.). (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Festinger, L. (1957). *A theory of cognitive dissonance*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Filipp, S. (Org.) (1981). *Kritische Lebensereignisse*. München: Urban & Schwarzenberg.
- Flick, U. (1999). *Qualitative Forschung: Theorie, Methoden, Anwendung in Psychologie und Sozialwissenschaft* (4ª ed.). Reinbek bei Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag GmbH.
- Glinka, H. (2003). *Das narrative Interview: Eine Einführung für Sozialpädagogen* (2ª ed.). Weinheim und München: Juventa Verlag.
- Haußer, K. (1995). *Identitätspsychologie*. Berlin; Heidelberg; New York: Springer-Verlag.
- Hussy, W. (1984). *Denkpsychologie: Ein Lehrbuch: Volume 1. Geschichte, Begriffs- und Problemlösungsforschung, Intelligenz*. Stuttgart; Berlin; Köln; Mainz: Kohlhammer.
- Lamnek, S. (1995). *Qualitative Sozialforschung: Methoden und Techniken* (3ª ed.). Weinheim: Beltz, Psychologie Verlags Union.
- Leontjew, A. (1982). *Tätigkeit, Bewusstsein, Persönlichkeit* (2ª ed.). Berlin: Volk & Wissen.
- Loos, K. (1988). *Identität und Biographie im Jugendalter: Die Analyse eines Mädchentagebuchs*. Monografia de conclusão do curso superior não-publicada, Universidade Siegen, Alemanha.
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3(5), 551-558.
- Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence. Em J. Adelson (Org.), *Handbook of adolescent psychology* (p. 159-187). New York: Wiley.
- Merton, R. K., & Kendall, P. L. (1946). The focused interview. *American Journal of Sociology*, 51, 541-557.
- Noack, J. (2000). *Das Interview zur Ermittlung von Identitätszuständen: Eine Fallstudie*. Monografia de conclusão do curso superior não publicada, Universidade Siegen, Alemanha.
- Noack, J. (2004). *Identity Status Interview revised – Überprüfung und Weiterentwicklung eines klassischen Instruments der Identitätsforschung*. Dissertação do mestrado não publicada, Universidade Siegen, Alemanha.
- Noack, J. (2005). *Erik H. Eriksons Identitätstheorie*. Oberhausen: Athena-Verlag.
- Schütz, A., & Luckmann, T. (1984). *Strukturen der Lebenswelt: Volume II*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp.
- Schütze, F. (1983). Biographieforschung und narratives Interview. *Neue Praxis*, 3(2), 283-293.
- Witzel, A. (2000). Das problemzentrierte Interview. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, 1(1). Retirado em 1 de abril 2004, de <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-00/1-00witzel-d.htm>

Recebido: 04/11/2006

Revisado: 31/05/2007

Aceito: 09/06/2007

Notas:

- ¹ As traduções do alemão e do inglês, inseridas no texto, são traduções livres feitas pela autora.
- ² Estudos e pesquisas anteriores para a monografia de conclusão do curso superior, dissertação do mestrado e tese de doutorado.
- ³ Modelo elaborado para fins deste trabalho, como proposta. Ainda não testado empiricamente.
- ⁴ Segundo Marcia, as possibilidades de desenvolvimento da identidade, como descritas por Erikson, são extremamente indiferenciadas. Por este motivo, ele a estendeu para o estado da identidade outorgada: "Algumas identidades são fáceis de se comprar, quando outras

são caras. Por exemplo, é difícil falar de um indivíduo que consegue uma identidade e se transformar em um fazendeiro republicano metodista como seu pai fazendeiro republicano metodista, com quase nenhum pensamento na matéria” (Loos, 1988, p. 50).

⁵ Seria melhor traduzida como “qualidade”.

⁶ Ambos os livros do Erikson, “Infância e sociedade” e “Identidade: Juventude e crise” foram originalmente publicados com um intervalo de 17 anos: “*Childhood and society*” (1951) e “*Identity: youth and crisis*” (1968).

⁷ “A palavra ‘total’ não é acidental a este respeito; esforçamo-nos por descrever (...) uma propensão humana para uma reorientação ‘totalista’ quando, em fases críticas do desenvolvimento, a reintegração numa ‘globalidade’ relativa parece impossível” (Erikson, 1976b, p. 176).

⁸ Este procedimento corresponde à parte da entrevista focada, na qual objetiva-se obter informações subjetivas (Flick, 1999).

⁹ A respeito da variável “compromisso interno”, referimo-nos às considerações de Haußer (1995) com respeito à significação subjetiva dos assuntos (*Gegenstand*); à teoria das dissonâncias de Festinger (1957) e à psicologia social de Aronson (1994).

¹⁰ As teorias mais importantes que levam a essa suposição são: a teoria do “ambiente natural” (*natürlichen Lebenswelt*) de Schütz e Luckmann (1975) e a teoria dos acontecimentos da vida críticos de Filipp (1981).

Sobre a autora:

Juliane Noack: PhD em Ciências de Educação pela Universidade Siegen/Alemanha. Mestre em Economia pela Universidade de Växjö/Sueca. Mestre em Pedagogia e graduada em Pedagogia Social pela Universidade Siegen/Alemanha. Pós-doutoranda em Comunicação Social – área da Semiótica na PUC/MG sob a orientação do Prof. Dr. Julio Pinto.

Endereço para correspondência: juliane-noack@hotmail.com
